

## Os nossos pequenos mundos domésticos e pessoais: introdução

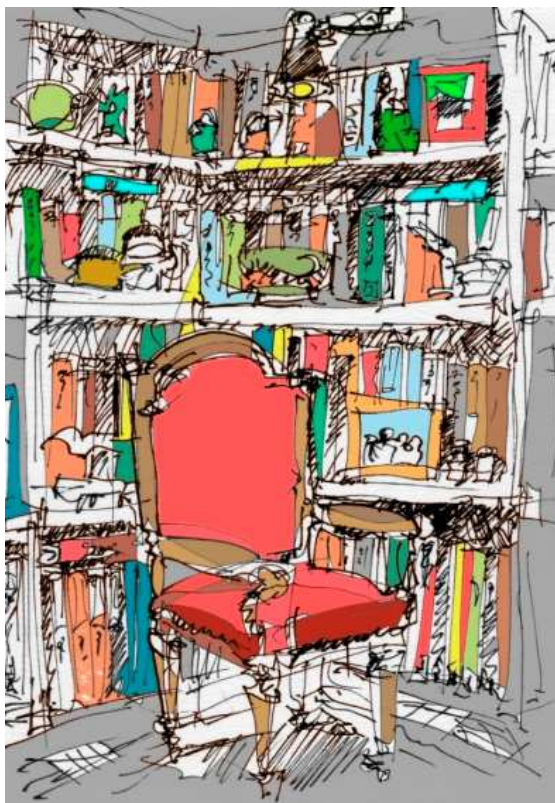
Artigo XXXXIII da Série habitar e viver melhor

António Baptista Coelho

### Mundos e espaços domésticos

Tal como já foi referido, A Série “Habitar e Viver Melhor” está a atravessar a porta dos mundos domésticos (a aprofundar ao longo de 2014), importando sublinhar que o mundo doméstico retoma, hoje em dia, uma importância que talvez só tenha tido no mundo antigo, quando habitar e trabalhar profissionalmente se conjugavam, com frequência, nos mesmos espaços de habitar, condição que, entre outros aspetos, tinha exigências específicas de adequada integração e proximidades urbanas; exigências estas que talvez hoje, também, devam ser devidamente reconsideradas.

A Série “Habitar e Viver Melhor”, que tem vindo a ser editada na Infohabitar, desde há mais de um ano, intercalada por outros artigos, pretende contribuir para o aprofundamento e a discussão desse reavivar do interesse pelos mundos domésticos, numa perspetiva que realça, naturalmente, o sentido destes espaços como cenários ativos e protagonistas do enquadramento das nossas vidas diárias e do apoio e reforço das nossas identidades, servindo, designadamente, como “estojo” global e particularizado, devidamente estimulante, agradável e funcional dos espaços e elementos que integram as nossas vidas e que consideramos poderem constituir aspetos bem apropriados e divulgáveis de quem nós somos e fomos, dos nossos quadros familiares e sociais e das nossas histórias de vida e memórias específicas, ou, pelo menos, daquelas que mais acarinhámos.



*Fig. 01: ... servindo, designadamente, como “estojo” global e particularizado, devidamente estimulante, agradável e funcional dos espaços e elementos que integram as nossas vidas*

Sobre o fazer dos nossos pequenos mundos domésticos o arquiteto e habitante P. Céleste refere que se trata “*de ocupar um sítio, de estar em sua casa, de produzir uma habitação calorosa. O contexto é o que nos anima. Há peças que devem ver o exterior e esse exterior deve fazer sonhar. Há que ter atenção a uma distribuição simples que proporcione dar um nome a cada peça e que se ligue a comportamentos habitacionais muito flexíveis ... não é possível a circulação dupla as áreas não o permitem ... é preciso encontrar uma certa forma de deambulação, estar atento à arte de colocar uma porta, uma janela, atento aos gestos quotidianos. O habitar de hoje não é mais pensado como no século XIX para a festa e a recepção, mas para a relação com a vida quotidiana*” (1) - os sublinhados são do autor do artigo.

### **Organizações da habitação**

Falar de organizações da casa, hoje em dia, deveria ser falar de uma reflexão e inovação contínuas, sempre no sentido de se procurar uma adequação contínua, pois já é tempo de (voltar a) pensar a casa com verdadeira liberdade. E esta matéria parece ser óbvia, mas só o será superficialmente, pois continuamos a imaginar e conceber habitações numa “lógica” quase estritamente funcionalista e rigidamente hierarquizada e praticamente nem notamos o que estamos a fazer, pois toda a nossa formação foi feita nesse sentido de funcionalização e

“mecanização” do espaço doméstico, um espaço que deveria ser o tal “estojo” das nossas variadas identidades.

Há, naturalmente, alguns aspetos que são fundamentais em termos de privacidade, funcionalidade e conforto, mas estes são facilmente sintetizáveis numa pequena listagem de aspetos dimensionais mínimos (ex., larguras de compartimentos) e de recomendações, ou, melhor dito, esclarecimentos no sentido de se alertar para que determinados posicionamentos de determinados compartimentos (ex., casas de banho) poderão ter influências negativas nos jogos de privacidade interiores e que há que ter em conta relações privilegiadas e protegidas entre alguns compartimentos (ex., entre quartos de dormir e casas de banho).

Mas estamos, realmente, frequentemente, já bem longe das situações em que as “instalações sanitárias” eram tendencialmente zonas higienicamente críticas e que convinha afastar e “esconder” o mais possível e onde as cozinhas eram espaços “oficinais” dificilmente integráveis com as zonas de estar; isto só para dar dois exemplos de mudança doméstica profunda.

O resto, o resto que é quase tudo numa “inovadora” conceção dos espaços domésticos deveria ficar flexibilizado para as diversas capacidades criativas dos projetistas e para os modos de querer viver dos habitantes; naturalmente com a excepção de situações, devidamente identificadas, onde haja que ter em conta condições específicas e potenciais de uso da casa que recomendem cuidados particularizados, designadamente, em termos de relações entre espaços, uso e manutenção da habitação e sua durabilidade. E atente-se que, tal como bem sabemos, mesmo nestas condições de justificada e cuidadosa adequação a modos de vida e usos da casa muito específicos e exigentes, o referido e “cego” excesso funcionalista, fazia, muito frequentemente, “vista grossa”, ignorando deliberadamente tais contextos e aplicando-lhes a mesma receita global de habitar - da vizinhança, ao edifícios e ao espaço doméstico.

### **Flexibilização e adaptabilidade doméstica**

E importa sublinhar que tais caminhos de flexibilização e ampla adaptabilidade doméstica não significam, naturalmente, qualquer abandono dos objetivos de qualidade residencial, mas sim um claro acréscimo dos mesmos, pois há todo um mundo de possibilidades de viver a casa, algumas delas aqui apontadas, que podem proporcionar uma satisfação e uma apropriação muito mais intensa por parte dos moradores.

O que se fez durante muitas dezenas de anos, designadamente, do século XX foi negar a existência de um tal mundo da identidade e da adaptabilidade, que está à vista de todos em tantos exemplos de arquitetura tradicional, quanta dela até, por vezes, justificadamente não-regulamentar, e em tantos outros exemplos daqueles grandes arquitetos que fizeram grande arquitetura doméstica, mas que preconizaram ideias que não foram verdadeiramente entendidas e que não puderam ser, assim, reinterpretadas, por uma maioria de colegas menos criativos e que acabaram por beber essas “regras” como elemento facilitador de uma prática de projecto rigidamente funcionalista, até porque veiculada em termos regulamentares numa opção que é, frequentemente, arquitetonicamente “árida”.

E poderíamos até imaginar que, no limite, não seriam precisos arquitetos, para fazer essa arquitetura domésticas “automatizada”, ou então o habitar “reduzia-se” a uma indústria do tipo da automobilística em que se concebem, rigorosamente, “meia dúzia” de modelos (mais desportivos, mais familiares, mais económicos, etc.), que depois são globalmente disponibilizados; mas, pelo menos, o autor destas linhas e julga-se muito mais pessoas acreditam que o habitar novo e o reabilitado não têm este tipo de características, pois são o tal “estojo” da nossa identidade e história e, também, são elementos protagonistas da nossa cidade e cultura.

Nada disto quer fazer reduzir a fundamental importância das matérias regulamentares ligadas a aspetos essenciais de segurança, saúde e bem-estar, no entanto considera-se que deve continuar a haver uma verdadeira possibilidade de reinterpretar arquitetonicamente tais matérias e, além disso ou, melhor, antes disso, haveria que rever alguns desses corpos regulamentares à luz de uma prática consistente e de um enquadramento científico verdadeiramente mais aprofundado e culturalmente mais fundamentado.

Tudo isto se julga pertinente quando estamos a passar a soleira da casa e quando, à nossa frente, imaginamos, por um lado, a infinidade de soluções domésticas repetidas até à náusea, numa espécie de solução-tipo geral de habitação, naturalmente, com libertadoras variações criativas e estimulantes, enquanto, por outro lado, lembramos ainda tantas soluções que fomos visitando ou vendo em livros e revistas e onde não há essa solução global estereotipada - uma espécie de “esquerdo-direito” doméstico - mas sim uma enorme diversidade de oferta de relações, espaços e pormenores protagonistas, que marcam positivamente as casas e quem as habita ou até apenas as visita, reforçando-lhes, designadamente, os seus aspetos de identidade e de apropriação.



*Fig. 02: ... diversidade de oferta de relações, espaços e pormenores protagonistas, que marcam positivamente as casas e quem as habita ou até apenas as visita, reforçando-lhes, designadamente, os seus aspetos de identidade e de apropriação.*

## **Espaços domésticos bem caracterizados**

Sendo assim, não se irá fazer, nesta série de artigos, qualquer menu de soluções a aplicar conforme um outro menu de necessidades, mas apenas uma pequena viagem por mundos domésticos positivamente caracterizados, onde cada espaço e cada relação nos emociona e nos serve plenamente; sendo que a mistura de tais espaços e ambientes ficará, naturalmente, ao livre arbítrio dos leitores e à capacidade que possam ter de poderem influenciar as suas casas e as casas que projetem.

Por isso se optou por uma exposição que, nas próximas sequência de artigos muito direcionadas para o interior doméstico, “inverte”, um pouco, as regras normais em trabalhos técnicos e científicos, porque no corpo das páginas se irá tratar daquilo que marca espacial e ambientalmente as diversas zonas da casa, em termos de notas gerais bem entendíveis por todos e não apenas por projetistas e investigadores, remetendo-se para pé-de-página as indicações mais objetivas e especificadas, sempre que se considere que tais indicações poderão

ser úteis para concretizar as ideias de vida e ambiente doméstico a que se referem.

E não é excessivo referir que outros estudos se dedicam especificamente aos aspetos mais objetivos do habitar e dos espaços domésticos, como por exemplo o já citado estudo, intitulado “Do bairro e da vizinhança à habitação” e que foi publicado pelo LNEC no já “longínquo” ano de 1998 (ITA 2); e mesmo neste estudo houve o cuidado de disponibilizar várias possibilidades e opções funcionais para cada espaço doméstico, referidas por diversos autores.

De certa forma tem-se, assim, a técnica expressivamente subordinada ao objetivo fundamental de se viver melhor, na casa de cada um, de acordo com os melhores objetivos de vivência doméstica que encontramos em tantos exemplos, desmistificando na medida do possível tais objetivos, em termos de custo e em termos de “impossibilidades” funcionais e servindo, assim, para que cada um possa inventar, pelo menos parcialmente, o seu sítio doméstico sonhado e desejado.

### **Habitação e apropriação**

A batalha seguinte será tentar concretizar tais ideias no mundo doméstico de cada um, mas uma guerra tem sempre várias batalhas e para as começar a ganhar uma informação esclarecida e eficaz é essencial. Lembremos que se começou esta viagem - esta série editorial - na vizinhança urbana e, depois, ao longo do edifício, que são mundos onde naturalmente terá de haver ordem e equilíbrio gerais e consensuais e onde a apropriação por cada um, será bem-vinda, mas desde que bem regrada, concentrada e positivamente cumulativa em termos de atratividade e de identidade local; mas agora, dentro das nossas casas, estamos num mundo “nosso”, que deve privilegiar uma adequada apropriação individualizada dos seus diversos espaços e elementos particularizados.

Finalmente importa referir, aqui, o facto de que temos sempre tendência a imaginar uma casa numa perspectiva organizativa rígida: por exemplo, imaginamos entrar para um vestíbulo e daí passar para o resto da habitação, mas quando encaramos uma situação “tradicional” de entrada directa para uma sala de jantar que é também sítio de boas-vindas não estranhámos esta “quebra” de sequências. E este é um exemplo que pode ir mais longe, naturalmente, e que aqui se ilustra com a entrada de uma habitação em Malmö que dava directamente para uma ampla cozinha e sala de família; e não havia outra entrada e os visitantes estranhavam, logo na altura, mas as reacções pareciam, depois,

globalmente positivas, quando os visitantes começavam a entender a estrutura inovadora daquela habitação.

E será, assim, nesta perspetiva de uma inovação bem fundamentada e referenciada à nossa cultura habitacional e doméstica que procuraremos estruturar os próximos artigos desta série sobre os espaços domésticos de um “habitar e viver melhor”.

**Notas:**

(1) Monique Eleb, Anne Marie Chatelet, “Urbanité, sociabilité et intimité des logements d’aujourd’hui”, 1997, p. 238.

**Infohabitar a Revista do Grupo Habitar**

**Editor: António Baptista Coelho**

**Grupo Habitar (GH) - Associação Portuguesa para a Promoção da Qualidade Habitacional**

**Núcleo de Estudos Urbanos e Territoriais (NUT) do LNEC**

**Edição de José Baptista Coelho**

**Lisboa, Encarnação - Olivais Norte**

**Infohabitar, Ano X, n.º 468, 20 de janeiro de 2014**

**Etiquetas:** antónio baptista coelho, desenho da habitação, espaço doméstico, habitação e adaptabilidade, habitação e apropriação, habitação e identidade, projetar a habitação.